

Senghor, Nós e a Filosofia

JANICE JAPIASSU

Em primeiro lugar, vamos tentar esboçar, sem intenção de definir, o que equivaleria a estabelecer limites o que entendemos por "O homem brasileiro" e o que parece distinguí-lo dos demais. Pelos "demais", queremos dizer, por enquanto, fundamentalmente, o europeu, os povos não mestiços ou considerados comumente como tal. Como os povos mestiços ocupam a maior parte do nosso mundo, preferimos, por hora, considerá-los todos como nossos irmãos de raça, numa aproximação grosseira que fazemos, para não enveredar pelo caminho, então mais complicado, de distinguir o brasileiro dos demais povos mestiços, distinção que, necessariamente, deverá existir já que os processos de miscigenação não terão sido os mesmos. Fazemos isto, primeiro, por incompetência e, segundo, porque o problema que nos interessa mais, na distinção, é o cultural; o problema racial interessa aqui, apenas, enquanto este interfere, basicamente, na caracterização cultural do nosso povo.

Feita a ressalva acima, colocamos uma hipótese, a título de opinião pessoal, que achamos válida: é a de que na formação do brasileiro atual tenha entrado, com maior peso, a contribuição da raça negra, sem querer minimizar, é claro, a contribuição das demais raças. Tal suposição se baseia no fato de considerarmos mais lógico que, no período da colonização, a maior população tenha sido aquela que assumiu diretamente o trabalho; coisa muito comum em qualquer organização social regular. É comum o fato de que a população autóctone, não se adaptando ao sistema de trabalho escravo implantado, tenha recuado para as regiões mais centrais do país. Quanto à participação do elemento europeu, representado pelo português, chamamos a atenção para o fato de ser o português, já por si, uma raça miscigenada. A participação do europeu, do ponto de vista racial, foi feita, portanto, pela sua parcela de população mais sujeita à miscigenação, a menos européia. Os europeus

costumam dizer que “a Europa começa depois dos Pirineus”, o que é um modo de separar de si os povos da Península. Lembremos ainda, embora isto seja também pacífico, que a participação da raça negra na formação do povo brasileiro diminui à medida que se caminha do litoral para o interior do Brasil, o que torna bem distinto o mestiço do litoral e suas proximidades do mestiço das regiões centrais — o sertanejo.

O fato é que somos um povo bastante distinto do europeu, do ponto de vista racial. Some-se às duas raças não européias (a negra e a indígena) a fração portuguesa (a menos européia das raças européias) e veremos a coerência do que afirmamos.

Do ponto de vista do ambiente físico característico do espaço geográfico brasileiro, obviamente, nossa natureza é totalmente diferente da européia e quase totalmente idêntica à africana e de parte da Ásia; o que acentua mais, pela semelhança das relações homem/ambiente físico, o parentesco entre os povos africanos e asiáticos (de parte da Ásia) e o povo brasileiro.

Num estudo sobre a essência do mundo negro africano, cujos textos selecionados encontramos na revista ECO — nº 26 — junho de 62 — o senegalês Leopold Senghor, faz uma distinção entre o homem europeu e o africano que, pela sua quase completa aplicabilidade ao nosso caso, resolvemos utilizar aqui, quase integralmente, por achá-la um bom caminho para a reflexão pretendida. Passamos então a transcrever os textos, comentando-os em seguida, numa tentativa de reinterpretação dos mesmos do nosso ponto de vista.

Quanto ao espaço geográfico ocupado pelo mundo africano, diz Senghor: “El espacio habitado por los negros de África comprende las terras que se extienden entre los trópicos”. Situação, praticamente, idêntica a nossa. “Son países cálidos y — a medida que uno se adentra en la selva — también húmedos. Este clima caluroso, húmedo y — como suelen añadir los geógrafos europeos — MALSANO —, desempeña sin duda un importante papel en el así llamado TEMPERAMENTO DE LOS

NEGROS”. “... Ejerce indiscutiblemente una determinada acción sobre los nervios de los europeos y en especial sobre los de las mujeres europeas. Como no habria de manifestarse por tanto también en los negros que viven muchos milenios bajo su influencia”. “... Así se podría explicar, en parte al menos, la extraordinaria sensibilidad de los negros”.

Temos a impressão de que a acentuada sensibilidade do povo brasileiro já é coisa pacífica para quem quer que se interesse por observá-lo. Parece que o povo brasileiro é mais emocional do que racional, sente mais do que reflete. Talvez isto explique, um pouco, sua tendência maior para a arte do que para a ciência, por exemplo, e a sua maior preocupação em viver do que em refletir sobre a vida, sua tendência maior para a ação do que para a contemplação, etc. Objetar-se-á, quanto à primeira afirmação, que essa maior atração pela arte, a proliferação maior de artistas que de cientistas, poderia ser uma decorrência do nosso estado de pobreza ou de subdesenvolvimento. A ciência requer, para ser exercida, um aparato bem maior de equipamento técnico especializado, coisa que a nossa pobreza não possibilita. Correto. Mas insistimos na pergunta. Com o que se possui aqui e, de posse da matéria prima que a nossa natureza, fartamente, nos dá, temos a impressão de que se for dado ao homem brasileiro um caniço ou um pedaço qualquer de madeira, se ele não tiver que utilizá-lo para a satisfação de suas necessidades vitais básicas (a vida é anterior, já dissemos — e mais ainda para o brasileiro), ele mais facilmente fará disto um objeto de arte (uma flauta, por exemplo) do que um objeto de medida, ou qualquer outro instrumento de precisão, de utilidade para a ciência. Dissemos, “objeto de medida”, em sentido amplo e porque a medida é o começo e o fim de toda ciência. Digamos, um pouco apressadamente, mas não tanto, que, depois da vida, a arte atrai o brasileiro mais do que a especulação sobre qualquer coisa. A medida não seria o seu interesse básico, por piores que sejam as consequências práticas do seu desinteresse por ela.

Quanto à segunda afirmação, sobre o maior interesse pela vida do que por qualquer forma de especulação sobre ela, ob-

jetar-se-á que qualquer povo carrega a vida de sua nação nas costas, isto porque, comumente, compete ao povo o exercício da vida, com todas as suas grandezas e misérias, tendo sempre ficado para as elites as tarefas especulativas, e o povo, que tem que enfrentar a vida, não teria tempo para elas (as especulações). Assim, o povo brasileiro não teria nada de diferente dos demais. Certo. E não é aí que estaria, ainda, a sua diferença. Nesse sentido todos os povos se parecem. Mas parece que não é comum o modo exuberante como a vida é vivida pelo brasileiro. Seu instinto mais dionisíaco. É verdade que as manifestações populares, de qualquer povo, sempre tenderam mais para o dionisíaco do que as manifestações das elites. O que não é comum é a institucionalização dessas manifestações, como, no caso do Brasil, o carnaval, para citar apenas esta.

Pode-se dizer, ainda, que, mesmo dentro das diversas formas de expressão artística, aquelas que mais atraem o brasileiro são as que apelam mais para uma ação, uma espécie de participação ativa entre o homem e a obra de arte. Exemplificamos: a música, ou somente o ritmo, porque permitem a manifestação concreta, física, dinâmica da alegria ou qualquer emoção provocada pela obra de arte, atrairá mais do que a contemplação de um quadro por maior emoção que este possa provocar. Uma convida a uma ação, uma manifestação dinâmica, uma exteriorização, uma recriação; a outra sugere apenas uma contemplação, esta, relativamente, menos ativa, mais estática, mais repousante, menos dionisíaca.

No povo brasileiro, a fantasia atrai mais do que a própria utilidade. É comum entre nós que o homem do povo se submeta à privação de coisas que lhe são basicamente necessárias, em nome da fantasia e da glória. Disso vivem os nossos clubes carnavalescos. Tudo o que falamos e mais o que não podemos descobrir ou afirmar ainda, levam à constatação de que, no brasileiro, a sensibilidade, a emoção, superam a razão, ou melhor, a razão parece estar, permanentemente, a serviço da emoção.

Sobre o relacionamento do homem com a terra diz Senghor: "Desde tiempos inmemoriales los negros africanos han venido

dedicándose a la agricultura, y ningún otro punto de vista permite comprender mejor su sociedad que el de la estructura agraria del ambiente que los rodea. El negro africano es, para decirlo de nuevo, campesino, que vive de la tierra y con la tierra..."

Pondo de lado as grandes concentrações urbanas, por enquanto, teríamos que acrescentar à observação citada que o homem brasileiro, cuja maioria ainda vive no campo, está profundamente relacionado com a terra, da qual fazem parte também os animais, o que equivaleria a dizer que, pondo de lado as grandes cidades, somos um povo de agricultores e pastores. A introdução da atividade pastoril acresce às características notadas no africano a simplicidade, clareza, limpidez, aspereza e solidão próprias das regiões mais desérticas, onde as atividades pastoris, de certo modo, se sobrepõem às atividades agrícolas, qualidades próprias dos nossos Sertões. Essa diversificação é que tempera com a austeridade, a tenacidade, a determinação, a coragem, a força, a serenidade e a altivez, ao lado da exuberância alegre, irresponsável e inconsequente das populações litorâneas, mais fortemente mescladas do sangue negro.

"Cual sera ahora la posición del hombre blanco europeo frente a la naturaleza, frente a los objetos del ambiente y frente a los otros hombres? Como guerrero y hombre de voluntad, como ave de rapiña y individuo esencialmente contemplativo; el blanco europeo se diferencia notadamente de los objetos. En primer lugar se aparta de ellos, los mantiene a distancia; luego los fija, quitándoles su movimiento propio. Los somete a continuación a un implacable análisis, en el que procede a desmembrarlos con sus instrumentos de precisión. Impulsado por su ambición de poderio, termina por matar el objeto para luego volver a referirlo a si mismo, empleándolo como instrumento para sus finalidades prácticas, incorporándose de esta manera en cierto modo".

O homem europeu preocupa-se mais em usar do que em conviver com o que o cerca. Talvez por seu estágio de maior crescimento técnico e por causa dele (ou a técnica já seria o

resultado deste espírito predominantemente utilitário?), o europeu como que desfez um equilíbrio ecológico que lhe daria um modo mais saudável de viver, para, depois, tentar recompor-lo artificialmente. Distancia-se dos objetos que o cercam e, distanciando-os, isola-os, separa-os de si. Somente numa situação deste tipo, numa cultura estabelecida sobre estas formas de relacionamento, é que poderia, agora em termos filosóficos, surgir a dúvida sobre a existência e a cognoscibilidade do real, bem como sobre a capacidade do homem de conhecer e de comunicar-se com os demais. O termo *conviver* não ocorre nem lhe ocorreria em se tratando da natureza, fato que logo se estende também aos demais homens. Observe-se que a dúvida sobre o real e sobre o conhecimento é uma dúvida européia. A *teoria* do conhecimento é uma disciplina européia; porque a nós não nos ocorreria teorizar sobre o conhecimento, visto que só o conhecimento vivo nos interessa e o conhecimento que exercitamos, não o que teorizamos. Nota-se, ainda, no europeu uma espécie de superposição da razão lógica sobre a vida e todos os filósofos que levantaram essa questão são heréticos da cultura européia. Ex.: Nietzsche, Bergson, Blondel. A primeira preocupação é analisar os fatos e as coisas e não integrar-se neles, vivendo-os.

“El negro és en cambio muy diferente”. “... No ve las cosas sino que las siente ... Sujeto y objeto quedan portanto relacionados por el intercambio mutuo que, consistiendo precisamente en el irse conociendo, llega a ser con ello un verdadero acto de amor”.

“Pienso, luego existo —, escribia Descartes” cita Senghor; ora, uma afirmação destas jamais ocorreria nas culturas não européias. Ao brasileiro comum ocorreria dizer como o africano: “Siento a mi frontero, bailo con mi frontero — luego existo”. “Pero bailar es lo mismo que crear sobre todo si se trata de un baile del amor; y con seguridad, es el mejor camino hacia el conocimiento”. Talvez não tenha sido notado ainda, ou não o tenha sido devidamente, o quanto a dança significa em si mesma e, em particular, para o povo brasileiro, bem como tudo que ela contém de possibilidade de uma criati-

vidade espontânea, imediata, contínua, direta, além de ser uma forma especial através da qual é possível não apenas contemplar a música, o ritmo, mas conviver com ele. Tenho a impressão de que o brasileiro comum nunca vai se acostumar a um tipo de música que ele seja obrigado a ouvir sentado numa cadeira. A contemplação não é o seu interesse primordial, ele precisa sentir ativamente; sua forma de fruição de uma obra de arte tem que ser mais ativa; o silêncio dos museus provavelmente o irritará. Inclusive ele precisa, além de manifestar a sua alegoria, a sua admiração, para sua própria satisfação; de comunicá-la aos demais. A dança e o canto possibilitam a comunicação, o conhecimento entre pessoas as mais diferentes, até então, totalmente estranhas. Entre nós esse poder da música cantada e dançada só é comparável ao poder semelhante do esporte (o futebol, principalmente). Observe-se, ainda, que a dança é a forma preferida de comunicação com a própria divindade. É o que acontece no ritual popular dos xangôs e candomblés.

“El europeo piensa analíticamente, ya que desea utilizar las cosas. El negro en cambio lo hace intuitivamente, pues quiere tener parte en ellas”.

Em contraposição à arte européia, mais racional, geométrica, abstrata, a arte dos povos mestiços, onde nos incluímos, (os povos primitivos não civilizados) é intuitiva e mágica, ditada quase que totalmente pela sensibilidade exarcebada a que a razão serve e não vice-versa, dando como resultado uma arte sinuosa, sensual, forte, rítmica, simples, direta; luxuriante nas regiões que assim se apresentam; forte e seca, nas regiões mais desérticas, mas sempre como o resultado de um relacionamento vital entre o homem e sua natureza. Voltamos a dizer, ainda, que o brasileiro faz arte mais para viver com ela do que para contemplá-la. Quero dizer: uma contemplação estática. Nossa forma, mesmo de contemplar uma obra de arte, é menos analítica e racional do que vital e passional.

Esta outra observação de Senghor serve para nós: “Las pinturas del negro africano son siempre surreales o más exac-

tamente subreales, es decir que tratan de la realidad que se oculta detrás y debajo de las apariencias. No es una copia racional, ni una coincidencia, sino una relación por analogia, al tener parte ambos pensamientos — la representación y lo representado — en la misma realidad más profunda”.

Sobre as relações do negro africano com o sobrenatural: “La fe es tan importante como el pan” diz Senghor, exatamente como poderemos dizer do brasileiro. E não estamos falando desta ou daquela religião, mas de uma espécie de instinto natural para o sobrenatural, como uma necessidade vital, como o pressentimento da presença e a necessidade de uma convivência com o divino. Tal necessidade vital de comunicação com o sobrenatural é bastante lógica, se é verdade que, no povo brasileiro, a sensibilidade se sobrepõe à razão, se não temos nenhuma vocação para o racionalismo. Não se trata da necessidade teórica de uma divindade abstrata que pudesse servir de suporte às especulações lógico-rationais, mas da necessidade de uma convivência com uma presença pressentida a cada passo e de uma convivência concreta, manifesta. Isto poderia explicar a proliferação crescente de cultos e ritos destinados a promover essa comunicação. Nesta convivência não há nenhuma preocupação em definir o que seja essa divindade, nem o que seja essa comunicação e como ela pode se dar. Sua existência, sua presença e sua convivência conosco são pacíficas, não há a menor preocupação em questioná-las. Definir não é nossa questão, talvez porque o que faz o divino mais amável e admirável é, exatamente, a sua forma misteriosa de existir. Assim como não há como explicar-se os ritos, pois o que neles mais atrai, pela sua beleza, é exatamente o seu caráter mágico. O brasileiro passa da percepção direta do que o cerca para a intuição direta do que deve estar por trás disto, caminho que deverá, necessariamente, desembocar na intuição do sobrenatural, de uma presença providente, criadora e ordenadora de todas as coisas.

NÓS E A FILOSOFIA

Os Europeus definiram a data do nascimento da filosofia a partir da sistematização ocorrida na Grécia e, daí por dian-

te, todos os que se ocupam de filosofia passaram a crer nisto como num fato muito natural. Para os filósofos europeus o que se passou, em termos de filosofia, antes ou fora da Grécia e de tudo o que a segue, poderá ser chamado, quando muito, de “pré-filosofia”. Isto porque não é possível para o europeu, descendente do grego, — filosofia ou qualquer outro tipo de conhecimento que não seja sistemático. Assim sendo, um conhecimento não se afirma pelo que contém, mas pela forma como se apresenta, como se arruma, se ordena, se sistematiza, se racionaliza. O relacionamento entre vida e conhecimento, sequer é posto, não interessa fundamentalmente.

Nós, no entanto, temos a impressão de que o que se fez e se faz no oriente e no resto do mundo é tão filosofia quanto o que se fez e se faz na Grécia e na sua herdeira, a Europa. Datar o nascimento da filosofia com Tales de Mileto, na Grécia, nos parece muito mais um preconceito racionalista do que uma verdade.

Se acertamos no que afirmamos acima, podemos adiantar que o povo brasileiro, como todos os demais povos, já tem a sua filosofia, — a que mais importa, a sua *filosofia de vida*. Se os brasileiros não a sistematizaram isso poderá ser: primeiro, porque não gostam de sistematizar; segundo, porque em sistema nenhum cabe a sua vida. No entanto, para quem quer que se interesse por sistematizações, aí estão, vivas, a vida e a cultura do povo brasileiro com a sua filosofia própria e, até, muito original. Se a observação da sua vida não bastar, é só procurar a sua arte, popular ou erudita. Compete aos teóricos explicar a filosofia implícita na vida e na arte do povo brasileiro.

Dizem ainda os europeus, e muita gente acredita, que os outros povos não podem fazer filosofia porque não têm “tradição filosófica”, o que equivale a dizer que eles não têm tradição nem filosofia como a entendem os europeus. No entanto, a ausência da propalada “tradição filosófica” significa, também, a ausência de todos os vícios europeus dos quais o racionalismo não é o único. Logo, o que parecia uma impossibilidade começa a aparecer como uma vantagem até muito grande.

O excesso de tradição, às vezes, pesa mais do que ajuda. Observe-se o impasse em que se encontra a filosofia européia desde a crítica de Kant e a demolição de Nietzsche. Ora, destes entres nós, felizmente, não temos, tais como: da dualidade sujeito/objeto, realidade/representação; das possibilidades ou não do conhecimento e de sua comunicabilidade; das possibilidades ou não da existência do existente, etc.

Nós costumamos *sentir* e pensar. Vivemos, e as contradições não nos assustam. Não temos “tradição filosófica”. Logo, devemos, seguramente, ser um povo muito capaz para a filosofia.